



No soar das... cadeiras

Só faltou o xaropinho como mediador do debate.

Acredito que é do conhecimento de todos que os debates para a prefeitura de São Paulo viraram um circo, peças de entretenimento baixas para gerar cortes e comentários na internet. Marçal não é propriamente a causa disso, mas um efeito — explícito. O povo brasileiro foi reduzido a uma massa amorfa e sem qualquer papel ou influência sobre a política nacional — a máquina pública brasileira carece há mais de um século de dispositivos de participação popular, instituições desenhadas segundo a cultura nacional e uma elite política que consiga diagnosticar e trabalhar para resolver os problemas da nação. O golpe republicano redesenhou as instituições públicas para manter o poder nas mãos dos liberais, e desde então o arranjo institucional brasileiro não é pensado para tratar o povo como grandeza política — essa é a “república dos bestializados”, como dito por José Murilo de Carvalho. Nesse caso a eleição não pretende

gerar qualquer tipo de representatividade, mas apenas enviemizar com legitimidade as instituições já estabelecidas e manter o poder nas mãos do establishment. O efeito disso é que a eleição foi se tornando um processo burocrático, chato, enfadonho e grotesco — mero burocracia, formalidade institucional.

A ascensão de Marçal está diretamente ligada a esse fenômeno de centralização do poder e falta de representatividade, uma vez que o eleitor passou a não valorizar o voto, qualquer personagem que torne a eleição “menos chata” acaba chamando a atenção. Descartando qualquer análise crítica e pensando que a política é a profissão dos vis poderosos que só querem se aproveitar do povo, qualquer escolha existencial fica impossibilitada.

A escolha existencial entre amigos e inimigos é o que caracteriza o

político, expor o seu conceito de bem comum, seu projeto de administração pública e suas alianças e filiações é parte essencial de um projeto eleitoral saudável — coisa que eu em vida nunca vi no Brasil.

Faz alguns anos, talvez décadas que o processo eleitoral brasileiro é recheado de figuras pitorescas, pessoas claramente tentando a sorte e sem qualquer preparo técnico ou moral para exercer um cargo eletivo. Como disse, Marçal é o efeito — é como uma febre que é causada pela gripe, não é a gripe em si — Marçal é um personagem baixo demais para ser causa de qualquer mudança social no Brasil, mesmo que mudanças para pior. Na cena que ocorreu no debate da TV cultura Marçal provocou Datena com acusações de estupro — usou gírias chamando-o de “Jack”, o estopim foi quando o chamou de covarde.

Sem entrar em qualquer discussão sobre quem está certo ou errado, mas simplesmente olhando para as coisas como foram e colocando em seu devido contexto — uma agressão em debate para a prefeitura é bom para quem? Com toda certeza para quem não está disposto a discussão política, ou falar sobre suas filiações e alianças, propostas e projetos. Sem discursos histriônicos e moralistas, de que o debate foi desqualificado, que isso faz mal à democracia e etc. Nosso debate público está em declínio em todos campos, posar como mulher de César nessa circunstância não salvará o debate e muito menos o Brasil. No fim das contas, o certo nessa circunstância foi o Ratinho, que convidou Marçal e Datena para se digladiarem em seu programa. O programa do Ratinho não é sobre debates, é uma amálgama de barracos, que buscam audiência e nada mais.